

MEMÓRIA E SENTIDO

Para Nuria

Sempre que recordava o **eclipse** – anos a fio – me acontecia de entranhar-me a música aquela, como um fio de luz, cerrada de pobreza e humanidade (espoliada). Signo vivo da gente miserabilizada num pesadelo-tempo sem fim. Aquela música, eu a escutei vinda de um rádio-de-pilha do quiosque: desses de aguardente, café morno guardado, broas, fatias de bolo ressequido, na borda do descampado, ou era uma praça inconclusa, no **eclipse**. Por muito tempo, a música desvaneceu-se, escapou-me da memória. Algo depois, voltei a escutar aquela música – quase como havia sido no **eclipse** – mas não exata porque transpassada de uma modulação bachiana na GIGUE da *Partita n.º6*, em mi menor, BWV 830. Com o tempo, não mais recordava – nota a nota – a canção do radinho do quiosque durante o **eclipse**, no entanto eu a atava à giga de Bach. Até na giga ressoava sempre pobreza, miséria, como uma misuk de b.b. Neste estado que ela foi se estender até a minha “Storm of the stars in the sky will turn to quiet”.

Com a voga da fita VHS e do DVD, pude rever O ECLIPSE de Antonioni, e, infelizmente, sim: com desagrado, concluí que a música do quiosque no descampado não havia lá. Memória do que não houve. Descomunal. Em cena alguma.

Sábado agora, assistia *La Notte* (que revira vezes e vezes), e, perplexo, apanhei que a cena da canção estava ali intacta. Do rádio do quiosque emanava outra diversa canção – semelhante em espírito e comum como outras mais – porém a cena era nitidamente aquela. Não a canção (embora não destoando no filme, mas não entoando a minha memória). Não. Ao relatar a um amigo que sabia da estória da canção perdida, desfeita na memória, principiei – atônito – a assobiá-la, repentinamente, exata como se postara em minha memória:



Willy Corrêa de Oliveira
S. Paulo, 25 de abril, 2017